

O LUGAR DO SAMBA: NOTAS DE PESQUISA SOBRE A DINÂMICA SÓCIO-ESPACIAL EM DOIS BAIRROS PAULISTANOS

Alessandro DOZENA

Doutorando em Geografia Humana
Departamento de Geografia
Universidade de São Paulo – USP.

Rua Juan Arfe 31 Bloco 3 Apt. 1
Freguesia do Ó São Paulo – SP

Email: sandozena@click21.com.br

RESUMO

Este artigo relata a pesquisa de campo efetuada em dois bairros tradicionais em samba na cidade de São Paulo, a Bela Vista e o Parque Peruche. Essa delimitação orientou o pesquisador para o entendimento da organização interna das escolas de samba Vai-Vai e Unidos do Peruche, abrindo-se novas possibilidades para a compreensão das redes de sociabilidade e pertencimento ali presentes. Partindo desses recortes, buscou-se apreender o dinamismo das relações sociais que se estabelecem no diálogo entre as duas escolas de samba e o entorno em que se localizam.

Palavras-Chave: Lugar, Samba, São Paulo, Sociabilidade

ABSTRACT

This article presents a reflection about two traditional neighborhoods in São Paulo city: Bela Vista and Parque Peruche. We looked at the samba schools' organization Vai-Vai and Unidos do Peruche; so they are opening up new possibilities for the understanding of sociability and sense of locality. The delimitation has guided us to understand the dynamism between samba schools' social relationships and their neighborhood.

Key Words: Place, Samba, São Paulo, Sociability

“O poeta falou que São Paulo enterrou o samba, que não tinha gente bamba e eu não entendi por quê. Fui à Barra Funda, fui lá no Bexiga, fui lá na Nenê. Me perdoa poeta, mas discordo de você”

Música: *Me perdoa poeta* - Leci Brandão

A alcunha xistosa dada a São Paulo por Vinícius de Moraes e depois reafirmada pela música *Sampa* de Caetano Veloso, apontava a vocação da cidade ao trabalho, em oposição à realidade dionisíaca do Rio de Janeiro, que seria o “berço do samba nacional”¹. Esta afirmação tornou-se popularizada pelo senso comum, fazendo com que vários compositores e intérpretes buscassem trazer à tona a importância do carnaval e do samba aqui realizados, dentre eles a compositora e cantora Leci Brandão. Interessante notar que para Viana (1995), não houve em São Paulo um movimento para a divulgação ou nacionalização do samba paulista, como o que ocorreu com o samba carioca a partir dos anos 30.

A partir do material recolhido durante o trabalho de campo, no período anterior à realização do carnaval de 2007 (novembro a janeiro), agrupamos elementos que direcionam para a nossa hipótese central de pesquisa: o samba atua como uma contra-racionalidade. A diversidade dos participantes do “mundo do samba”² se transmuda em distintas representações e discursos, impregnados de um valor “histórico” a respeito da importância do samba na conformação dos bairros da cidade de São Paulo; cidade que temos notado ser um dos maiores (se não o maior) centro de samba do país. Isto nos é revelado pela enorme quantidade de escolas de samba, blocos carnavalescos, rodas de samba, bares e casas de samba e o que nos parece de mais original – as dezenas de projetos e movimentos de samba, que trazem a prática da resistência intrínseca, fato que se aproxima muito de nossa hipótese de trabalho.

Iniciando pela observação das atitudes e interpretação dos depoimentos, buscamos analisar a variedade de significados a respeito da importância do samba para os bairros, e vice-versa, isto é, dos bairros para o samba. Optamos pela utilização dos termos “do bairro” e “forasteiros”, para se referir à procedência dos participantes do “mundo do samba”; por balizar os costumes, as atitudes e também as representações deles. Ser “da peruche”, “da

¹ Em visita recente ao Rio de Janeiro, ao me apresentar como pesquisador do samba paulistano ouvi a seguinte frase: “Em São Paulo, cordão só se for de isolamento e bloco de concreto”. Interessante destacar que esta é uma provocação antiga feita pelos cariocas aos paulistas, e que nos anos 70 gerou dezenas de respostas em matérias jornalísticas escritas pelo diretor de teatro Plínio Marcos.

² A designação “mundo do samba” visa englobar as atividades que têm o samba como o elemento central, dentre elas aquelas que acontecem nas escolas de samba, rodas de samba, bares e casas noturnas especializadas, projetos e movimentos de samba, dentre outras.

camisa-verde” ou “da nenê” expressa um forte sentimento de pertencimento à escola e para a maioria das pessoas ao lugar; sentimento de “donos do bairro”, proveniente de sua descendência de antigos moradores de um lugar específico, que guarda idiossincrasias.

Logo, o que esses grupos valorizam e o que empenham resguardar são as relações sociais centradas na sociabilidade, cujo referencial é a suposta solidariedade que existia “quando São Paulo era da gente...”. Neste contexto, os eventos de samba realizados nas quadras das escolas de samba e nos projetos e movimentos de samba espalhados pela cidade surgem com grande distinção, pois são os momentos de expressão e manifestação dessas relações; quando então é factível voltar e se apropriar das ruas do bairro ou de alguns espaços públicos. Acreditamos que esta seja uma das normas de entrada no “mundo do samba” pois, são nestes eventos de caráter público que se admitem os “forasteiros”.

Nessa medida, não faz parte das normas que orientam a conduta dos sambistas o valor da individualidade. A história que entremeia sua organização social é uma história de trocas e auxílios, embora existam rivalidades e individualismos; sobretudo envolvendo a disputa no desfile realizado no Sambódromo.

Destarte, durante os trabalhos de campo, as palavras que muito ouvimos para designar a sociabilidade foram “irmandade” e “família”. O “ser sambista”, apesar das exclusividades procedentes seja da condição de renda, cor, faixa etária ou de expectativas de vida diferentes relacionadas à própria história de vida de cada um, traduz-se na preservação da identificação desse grupo frente às modificações pela qual a sociedade paulistana passou. O processo de metropolização trouxe mudanças: entrada de novos segmentos populacionais, constituição de novos bairros pela especulação imobiliária e alterações em sua formação social. A esse grupo só sobrou a manutenção dessa identificação, pois não controlam a dinâmica da cidade. Este “ser sambista” é quem por oposição, define então o outro: “o estranho”, o “forasteiro”, o “turista”, o “chegado”, o “irmão”.

Para os “forasteiros” moradores dos bairros que têm escolas de samba ou algum bloco carnavalesco ou movimento, o samba existe e tem importância enquanto “cultura tradicional”. Entretanto, é importante destacar que para alguns deles, as escolas de samba são redutos de marginais que ameaçam a integridade da população local. Este é o caso de uma parte da vizinhança do bairro da Bela Vista, que está recorrendo à Justiça para fechar a quadra da Vai-Vai, por se sentirem incomodados com a interdição das ruas próximas na época do carnaval ³. Assim, por exemplo, alguns dos vizinhos da Escola de Samba Vai-Vai cobram do poder

³ Matéria publicada na Folha de São Paulo de 16 de Fevereiro de 2007, intitulada “Vai-Vai enfrenta juízes do Carnaval 2007 e do Tribunal”, sob autoria de Alice Assunção.

público a retirada imediata desta do bairro da Bela Vista, desprezando o fato de que a representação da própria escola de samba está plasmada no bairro⁴. O samba, enquanto história, não tem aparência para este grupo. Neste sentido, apesar da ampla explicação dos diretores da escola quanto à importância de se preservar a tradição do samba no bairro, muitos proprietários têm se oposto à permanência da mesma. A fala de um dos proprietários: "Quando você morar perto de uma escola de samba vai entender o que eu estou falando", comprova que a casa é o território do privado e que aí não se aceitam intervenções nem incômodos.

Outro dado interessante observado durante a pesquisa de campo, foi em relação a algumas pessoas que vêm procurando nas escolas de samba um espaço de diversão, principalmente nos finais de semanas, durante os ensaios pré-carnavalescos. A valorização do estilo musical "samba de raiz" ganhou espaço na mídia, não em função do valor tradicional que carrega, mas em virtude do valor comercial que passou a ter. Isto foi ajudado pelo fenômeno de vendas de compact disc (CDs) nos últimos anos, principalmente devido ao sucesso de artistas como Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e Dudu Nobre. Assim, também nas escolas de samba, todos querem ouvir e valorizar o "tradicional". Este "samba de raiz", engano comum aos leigos, está evidente em modelos ditados pela indústria cultural, modismo constituído por falsidades mal articuladas, na medida que se apodera somente de noções superficiais e supérfluas do samba.

Pelo visto, o que está em questão é a apropriação do samba e o jeito pela qual ela se dá. Por um lado, temos os sambistas cuja identidade está atrelada à prática social e à história familiar, opondo-se muitas vezes às mudanças impostas pela indústria cultural e do carnaval, cuja modificação é associada ao enfraquecimento de seu próprio universo. Este fato se torna evidente no depoimento de Seu Carlão, presidente de honra da Unidos do Peruche e "Cidadão Samba" de São Paulo, que enfático afirma: "O que temos hoje é desfile, não mais carnaval".

Para esse grupo o carnaval não tem importância isoladamente, faz parte do todo e não é o acontecimento mais significativo, pois não vê essa festa como viam antes. Ainda para esse grupo, o carnaval adquire sentido enquanto vinculado a outros eventos que acontecem durante o ano todo.

Por outro lado, os "forasteiros", que só aparecem nos meses que antecedem o carnaval, pagam as suas fantasias e têm acesso à escola. Valorizam a escola de samba, mas sem os mesmos critérios dos membros do bairro, repletos de sentimentos de pertencimento ao lugar

⁴ A escola de samba Tom Maior já teve seu endereço mudado por três vezes, exigindo uma "flexibilidade" maior dos membros de sua comunidade.

(embora nem sempre os membros da comunidade morem no bairro, como trataremos mais adiante). Muitas atitudes se mostram contraditórias pelos próprios dirigentes das escolas, já impregnados da preocupação norteadora ditada pela lógica do lucro, e que em muitas ocasiões desprezam os significados projetados por muitos em sua incorporação ao conjunto social da escola de samba e do bairro em que vivem. Em uma de nossas visitas à escola de samba Rosas de Ouro, presenciamos a cobrança de ingresso para um evento na quadra da escola, e que foi questionada por um membro da comunidade local⁵.

Assim, iniciamos a busca do entendimento de como o samba constrói na metrópole um território próprio a partir dos bairros e como se estruturam as redes de sociabilidade a ele associada. Pretendíamos perceber as territorialidades relacionando-as com as manifestações de samba, com o carnaval, com o cotidiano e com as relações sociais diárias no qual a comunidade está envolvida. Neste sentido, o samba atuou como o fio condutor da pesquisa de campo, a partir da qual buscamos chegar no lugar e em sua dinâmica territorial.

Deste modo, focalizamos nosso trabalho de campo em duas áreas tradicionais de samba na cidade: o bairro paulistano da Bela Vista, localizado próximo ao centro e formado por grande número de italianos e seus descendentes, negros e mais recentemente de nordestinos; e o Parque Peruche, na zona norte da cidade, uma das principais áreas em concentração de escolas de samba em São Paulo.

Essa delimitação orientou a pesquisa para aspectos antes não previstos, como o entendimento da organização interna das escolas de samba Vai-Vai e Unidos do Peruche, abrindo-nos novas possibilidades para a compreensão das redes de sociabilidade ali presentes. Partindo desses recortes, buscamos apreender o dinamismo das relações sociais que se estabelecem no diálogo entre as duas escolas de samba e o entorno em que se localizam.

Neste momento, seguimos a orientação de Paul Claval, de que é muito válida a utilização da técnica da “descrição densa” proposta por Clifford Geertz:

A realidade que os geógrafos estudam é sempre aquela de uma cultura particular. Como analisar essa realidade sem considerar seus recortes mais importantes, sem perder o que faz a sua especificidade? Ao desconfiar dos relatórios simples, por serem feitos na ótica do observador, o etnólogo Clifford Geertz (1973) nos dá um norte. O etnólogo e o geógrafo devem praticar a arte da descrição densa (thick description). Trata-se da única maneira possível de integrar, pelo

⁵ Em meio às mudanças que ocorreram e ainda ocorrem na lógica interna de funcionamento das escolas de samba, é possível identificar pessoas e até famílias inteiras que estão se afastando das escolas de samba por não mais concordarem com os direcionamentos tomados.

menos, algumas das particularidades culturais das populações e dos lugares estudados (CLAVALL, 2002, p. 20).

Seguindo a proposta da descrição densa, foi dada muita liberdade aos entrevistados, para que se sentissem à vontade o necessário para contar suas opiniões, vivências e pontos de vista. Esse “deixar o outro à vontade”, intensamente ligado com a idéia de realizar entrevistas abertas com alguma base previamente formulada, mas sem a utilização de questionários fixos, restritos e delimitados, retoma de certa maneira o “método geertziano” da descrição densa, que trabalha com a “descrição interpretativa que fornece inteligibilidade a cada cultura, desvendando as teias de significados tecidas pelos seus membros, compreendendo a sua lógica interna” (CORRÊA, 2003, p.170).

Influenciados por esta técnica de pesquisa e compreendendo a importante contribuição da prática da etnografia para os trabalhos de campo em geografia cultural, imergimos no esforço de encarar os fatos observados de maneira intensa, valorizando a observação, a descrição das paisagens observadas e o uso dos mapas e do caderno de campo; procedimentos que possibilitam ao geógrafo estabelecer correlações a partir de formas de pensar específicas, que partem da descrição para chegar à explicação; e que também considera as contradições sociais que se manifestam no espaço geográfico.

O Parque Peruche e os “do pedaço”⁶

“Nem reis, nem barões comprarão a consciência de quem faz arder a chama da resistência”

Nei Lopes

“Quebrada” é um termo muito comumente empregado pelos sambistas, referindo-se ao lugar de convivência do bairro onde as pessoas estão ou ficam à vontade; aquilo que o antropólogo José Magnani (1998) classificou como sendo o “pedaço” - “o espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares” (MAGNANI, 1998:116). Demarcando-se inicialmente uma área a ser pesquisada, o Parque Peruche na zona norte da cidade, recorte influenciado pela afinidade com alguns membros da comunidade local; observamos grupos diversos e os diferentes significados atribuídos ao samba, ao cotidiano e à memória do bairro

⁶ Devo agradecer o também geógrafo Márcio Michalczuk Marcelino pela interlocução sobre o samba no Parque Peruche. Suas idéias aparecem expressas em vários trechos deste subitem, embora não demarcados.

e de seus familiares. Desde os primeiros contatos e entrevistas foi constatada a divisão dessa população entre os que são da “quebrada” ou seja, do Parque Peruche; e os que não são: pessoas de outras regiões que não residem por ali. Embora não tão distante do centro da cidade, a citação reproduzida abaixo se encaixa perfeitamente ao nosso propósito de estudo do Parque Peruche:

A periferia dos grandes centros urbanos não configura realidade contínua e diferenciada. Ao contrário, está repartida em espaços territorial e socialmente definidos por regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivos de relações. Pode-se avaliar a importância que o “pedaço” representa para as camadas de rendas mais baixas. Uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho e às condições precárias de existência, é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. Essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano (MAGNANI, 1998, p.117).

Deve-se salientar que o contato com os entrevistados foi facilitado pela conveniência, pois a maioria é conhecida. Iniciamos com uma questão genérica acerca do interesse em conhecer um pouco da história do samba no bairro. Em seguida solicitávamos que nos contassem o que sabiam sobre a história do samba naquele bairro.

Pouco a pouco fomos constatando que, para os mais velhos, falar do bairro tinha o sentido de restauração da memória afetiva fundada nas festas comunitárias e nas relações familiares. Ao reconstituir a memória de alguns sambistas, mostravam-se as relações entre os grupos e as escolas de samba no cotidiano da cidade. Entranhados no passado, iam ao longo das conversas nos fazendo entender um pouco da história do bairro e da cidade. Assim, o Parque Peruche mostrou-se como importante “lôcus” de produção de samba e de esperança, apto a aglutinar pessoas e tecer seus cotidianos:

Eu não consigo imaginar o bairro sem a escola de samba Unidos do Peruche. Sem ela, o bairro ficaria vazio (José)

A raiz da escola está neste lugar. Para nós é gratificante ter uma escola de samba num bairro como esse aqui (Dona Ana)⁷

⁷ Pesquisa de campo realizada por Alessandro Dozena entre novembro de 2006 e fevereiro de 2007.

Repletos de estima pelo passado e por sua história, dão mérito às suas características de “pessoas da área”. Embora o bairro tenha mudado muito com o passar dos anos, ainda manifesta a tradição do samba conduzido de geração em geração, atuando como “cimento social”:

Samba é coisa que está no sangue. Uma vez que você entra não sai mais, não tem jeito. Aqui é uma família, todo mundo se conhece desde pequeno. Eu moro aqui no bairro do Peruche desde quando nasci. Quem fundou a escola foram meus familiares. A Unidos do Peruche é o meu segundo coração (Carlos)

Com o passar dos anos, a intensa urbanização no bairro gerou forte aumento populacional e fez com que essa realidade “de bairro” passasse por transformações muito expressivas. Dentre elas, surgiram mais duas escolas de samba: a Morro da Casa Verde em 1962 e a Império da Casa Verde em 1995, além da Unidos do Peruche que já existia desde 1956.

As sensações concernentes aos interesses diferenciados de cada escola evidenciam-se, principalmente, em decorrência da competição no Sambódromo entre as duas escolas do Grupo Especial: a Império da Casa Verde e a Unidos do Peruche (esta última rebaixada no carnaval 2007).

A Império da Casa Verde possui uma dinâmica diferenciada de política interna em relação a Unidos do Peruche e ao Morro da Casa Verde, pois o problema dinheiro nunca fez parte das suas dificuldades. Sua quadra para ensaios é um verdadeiro castelo imperial, com colunas romanas estereotipadas nas suas laterais da entrada e um enorme tigre ao centro. Ali, existe um importante poder paralelo que extrapola o “mundo do samba” (Márcio Michalczuk).

Por outro lado, existe um discurso de pertencimento ao lugar, mesmo entre as pessoas que participam de escolas distintas. É esse o discurso preponderante que manifestado pelos moradores do bairro caracteriza profundamente os de “dentro”, não importando a condição sócio-econômica ou a faixa etária em que se encontrem. Para a maioria, a idéia de irmandade é um elemento forte no cotidiano, nos encontros, no lugar:

Embora existam rivalidades entre as escolas, o discurso da irmandade prevalece. O conflito se expõe na apuração, mas, no geral, existe uma camaradagem muito grande. Em alguns casos, ocorre o auxílio financeiro para a escola poder desfilar e até o empréstimo de peças de bateria (Tiarajú).

Há nesse discurso, algumas particularidades que vale a pena destacar, sobretudo no tocante às irmandades religiosas presentes em São Paulo no início do século XX. Este período é marcado por restrições intensas com relação à prática religiosa, sendo as irmandades a grande saída encontrada para a resistência da religiosidade atrelada ao candomblé que, no começo do século, passa a incorporar mais intensamente algumas mudanças provenientes das pressões impostas pela Igreja Católica, desde aquela época representante da religião oficial. Como questão de sobrevivência, muitos negros tiveram que se associar para poder ter maior força na consolidação de sua resistência, diante da espoliação imposta:

Além das atividades religiosas que se traduziam na organização de procissões, festas, coroações de reis e rainhas, as irmandades também exerciam atribuições de caráter social como: ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, concessão de dotes, visita aos prisioneiros, proteção contra os maus tratos dos senhores e ajuda para a compra da carta de alforria. A mais famosa dentre as inúmeras irmandades de pretos é a de Nossa Senhora do Rosário. Desde os séculos XV e XVI era sob essa invocação que em Portugal se congregavam os homens negros (QUINTÃO, 2002: 75).

Ainda hoje, muitos negros buscam se associar para restabelecer a identificação perdida na grande cidade, invocando-se a posição de descendentes de famílias escravizadas, sobretudo nas fazendas de café. Recuperar, na memória, a história do bairro onde passaram a infância e a juventude, através da comparação com os avós e bisavós, significa reaver as suas próprias histórias que, apesar de diferentes, vêm embrenhadas das heranças culturais referentes ao ser negro no Brasil.

Todo mundo se junta, todo mundo participa, busca formas de manter a escola. Aqui somos todos irmãos, seja na cor da pele, seja nos sentimentos (Carlos).

No “pedaço” do Parque Peruche, existe uma busca pelos que são iguais, intrincando uma rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência e vínculos, definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas, que se remete a uma série de códigos e permite identificar quem é e quem não é do “pedaço”.

Durante todo o tempo que estivemos em campo pudemos observar, seja através das conversas com moradores ou dos eventos que participamos, a presença importante dos eventos patrocinados pelas escolas de samba, com destaque para os jogos de futebol:

No Parque Peruche, as pessoas se identificam muito com o futebol e tem nele um importante meio de sociabilidade. Desde o início do bairro, isto acontece. Apesar de existirem alguns times de futebol tradicionais (Ponte Preta do Parque Peruche, Cruz da Esperança, Dragões), é na atualidade o time de futebol de salão “Memo-Memo” o que mais empolga os “peruchenses”. Apesar de novo (fundado em 2001), já se sagrou campeão paulista de futebol de salão e arrasta uma enorme torcida do bairro, com muito batuque por onde quer que vá jogar. Curiosamente, na manga da camisa do uniforme do time há uma bandeira do Parque Peruche, escolhida pelos moradores na ocasião em que em que se comemorou o aniversário do bairro pela primeira vez (Márcio Michalczuk).

Esta presença das batucadas nos jogos de futebol também é lembrada por Osvaldinho da Cuíca, importante sambista da cidade de São Paulo, ao comentar sobre a formação do cordão carnavalesco Cai-Cai, que depois mudou seu nome para Vai-Vai; ainda na década de 1920.

Antigamente se ia batucar no campo de futebol, fazendo som com instrumentos improvisados até a noite (Osvaldinho da Cuíca)⁸.

A prática do futebol propicia a sociabilidade entre pessoas de outras localidades e dos mais distintos segmentos sociais. Nos encontros, muitas trocas se realizam e novos convites para partidas são feitos. Esta associação entre a fundação de escolas de samba e a prática do futebol é verificada em outros casos, como no da Escola de Samba Rosas de Ouro:

A Rosas de Ouro se originou do time de futebol Glorioso, a partir da reunião de pessoas que como nós, acompanhavam a batucada durante e depois da partida (Maria Helena Brito)⁹.

Segundo a perspectiva do grupo de pessoas entrevistadas, a presença das escolas de samba permite a criação de valores identitários comuns. Para esse grupo, a noção de pertencimento vem atrelada ao imaginário relacionado com a formação do próprio bairro:

Eu desfilo na escola do bairro onde eu nasci, onde eu cresci, onde eu acompanho desde pequena. Então eu posso falar que é a escola do meu coração (Ana).

⁸ Depoimento transcrito do documentário Samba à Paulista: Fragmentos de uma história esquecida. Escola de Comunicação e Artes – USP, São Paulo, 2006.

⁹ Entrevista cedida ao programa “Meu bairro minha escola” da Rede Globo de Televisão, exibido no dia 11 de fevereiro de 2007.

Depoimentos como estes evidenciam uma profunda conexão com o território. Destarte, existe uma relação afetiva das pessoas com o seu entorno, gerador de identificações e sentimentos de alegria.

Vai – Vai: Tradição de samba no Bexiga

*“Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no Bexiga pra ver, vai no Bexiga pra ver.
O samba não levanta mais poeira
Asfalto hoje cobriu o nosso chão
Lembrança eu tenho da Saracura
Saudade tenho do nosso cordão
Bexiga hoje é só arranha-céu
e não se vê mais a luz da Lua
Mas o Vai-Vai está firme no pedaço
É tradição e o samba continua”.*

Música: *Tradição* – Geraldo Filme

A música *Tradição* de Geraldo Filme expressa a expropriação que a urbanização trouxe aos espaços do samba no Bexiga, “engolindo” parcelas deles. Mas, como diz o compositor, a *Vai-Vai* continua firme no pedaço, pois é parte da tradição do samba paulistano¹⁰.

Como evidenciado anteriormente, existe uma forte vinculação entre a formação de escolas de samba e blocos carnavalescos, que se organizam a partir de times de futebol de várzea. Este é o caso do Cordão Carnavalesco *Vai-Vai* que “surgiu de um time de futebol de mesmo nome, que por sua vez foi fundado para rivalizar com outro time existente no bairro: o *Cai-Cai*” (Simson, 1989, p.96).

Situada na Rua São Vicente nº 276, no bairro da Bela Vista, a escola de samba *Vai - Vai* é mais do que um local de encontro entre pessoas envolvidas com a dinâmica do samba, ela guarda a tradição do “pedaço”, conforme cantou Geraldo Filme em sua mais famosa composição. No momento em que começamos a freqüentar a escola, tínhamos como objetivo o entendimento da dinâmica do bairro a partir da análise da “mais visível” escola de samba da cidade. Pretendia-se percebê-la relacionando-a com o cotidiano das pessoas que ali residem e tecem suas relações sociais diárias.

¹⁰ Homenagem semelhante foi feita por Carlos Drummond de Andrade no “Poema à Nação Mangueirense”, enredo da Escola de Samba Mangueira no ano de 1987.

Em nosso trabalho de campo, nos orientamos para alguns aspectos da organização administrativa, da conformação das alas, dos ensaios da bateria, da escolha do samba-enredo e formação das parceradas¹¹. Uma de nossas primeiras constatações foi a de que a escola apresenta uma dimensão “cosmopolita”, aberta não apenas ao “Bexiga”, mas até mesmo aos freqüentadores de outras escolas de samba e de outros bairros. Como explicação, há de se destacar o fácil acesso dado pela proximidade a corredores de ônibus e grandes avenidas, como a Brigadeiro Luís Antônio, a Nove de Julho e a Paulista. Pode-se ilustrar tal fato, com uma conversa que tivemos com um freqüentador, que dizia morar no “fim da zona leste” e passou a freqüentar a escola quando trabalhou na região; que segundo ele tem um acesso fácil.

Tiramos muito proveito do período anterior ao carnaval de 2007, quando os ensaios se intensificaram e a Vai-Vai passou a atrair freqüentadores de diversas regiões da cidade transformando-se em local para a diversão, além dos ensaios.

Atraídos pelo samba, fonte de lazer nesta época do ano, muitos vão para a escola como se fossem para um bar ou casa noturna. Com tanta gente acrescida, há necessariamente a ocupação das ruas vizinhas da quadra para a realização de alguns eventos¹². Nesses dias, a quadra fica aberta para a venda e exposição de fantasias, enquanto o samba enredo é entoado entusiasticamente na rua¹³.

Na ocasião em que ocorreu o último ensaio antes do carnaval, presenciamos a concessão de benção a todos os presentes na quadra, efetuada pelo padre da Igreja Nossa Senhora Achiropita. Segundo alguns entrevistados, isto serve de reforço da confiança para o desfile carnavalesco realizado no Sambódromo.

Também, há de salientar a devoção dos sambistas aos protetores das religiões afro-brasileiras. Em algumas das escolas que visitamos soubemos da existência de altares dedicados aos orixás e divindades afro-brasileiras, além daqueles dedicados aos santos católicos. Como os dedicados aos orixás ficam em lugares acessados apenas pelos “do pedaço”, os “forasteiros” somente visualizam os altares dos santos católicos, que em geral estão bem visíveis nas quadras das escolas. Não conseguimos fotografar nenhum altar dedicado aos orixás, mas somente aqueles dedicados a alguns santos da igreja católica.

¹¹ As parceradas são junções de compositores para a elaboração do samba-enredo. Dá-se muito valor àqueles que são “da casa” e reconhecidos como tendo maiores vínculos com a comunidade; sendo portadores de mesmos símbolos, orientações e valores.

¹² A quadra é bem pequena, tem aproximadamente 150 m² de área distribuídos em um salão maior, um mezanino e várias salas menores.

¹³ Em algumas das escolas de samba que visitamos, como a Camisa Verde e Branco e a Império da Casa Verde, notamos a existência de camarotes reservados à diretoria e patronos da escola (principalmente os bicheiros que aplicam grande montante de capital). Paradoxalmente, pode-se dizer que se reproduz na dinâmica interna das escolas a estrutura de classes sociais segregadas e segregadoras.

Interessante notar a co-presença de santos católicos juntamente com os orixás em algumas das escolas de samba visitadas, fato que comprova a idéia apontada por Rita Amaral de que “é sobretudo no estilo de vida festivo do povo de santo e dos frequentadores das escolas de samba que se pode entender como esses espaços mantêm entre si uma relação de proximidade e sobreposição” (AMARAL citado por SILVA, 2004, pg. 146).

Cabem algumas palavras sobre o acompanhamento da disputa dos sambas-enredos de 2007. Existem algumas estratégias para a divulgação do samba junto à comunidade, dentre elas a gravação de compact disc (cd) e a distribuição nos ensaios. Esta prática tem como objetivo divulgar as composições com a maior abrangência possível. Por outro lado, esta gravação demanda um investimento que visa o retorno econômico posterior, proveniente da escolha do samba-enredo que representará a escola no desfile carnavalesco. Portanto, é muito comum os compositores pedirem apoio à políticos e comerciantes para a confecção e impressão das letras das músicas, que serão posteriormente distribuídas. Muitas vezes, o compositor contrata intérpretes profissionais que, além de dar maior qualidade à interpretação da composição concorrente, atraem pessoas para a quadra durante a fase de eliminatórias.

Outra informação a respeito da escolha do samba-enredo nos foi dada por um de nossos entrevistados: “o samba que ganha é sempre o samba do presidente”. Neste sentido, nem sempre importa a qualidade do cd gravado ou da composição, pois o samba-enredo que irá vencer passa pelo crivo decisório da diretoria. Com um detalhamento maior, pode-se descobrir que também o carnavalesco tem um importante papel de orientação na escolha do tema do ano, na medida em que é o responsável pela confecção da sinopse (orientações gerais sobre o enredo do ano), podendo opinar a respeito das composições, dizendo se a mesma está “fora do tema” ou não¹⁴.

No caso da Vai-Vai, dá-se muito valor aos compositores que são “da casa” e que são reconhecidos como tendo maiores vínculos com a comunidade; sendo portadores de mesmos símbolos, orientações e valores. Outra observação realizada nesta experiência foi a necessidade de que as composições se enquadrassem na sinopse fornecida pela diretoria da escola aos compositores. Ou seja, a letra tem que se relacionar com o tema escolhido para o carnaval do ano. Cabe salientar que as entrevistas realizadas até o presente momento nos apontam que existe o interesse de captar recursos por meio de patrocínios e auxílios provenientes de pessoas e empresas escolhidas para serem homenageadas pelo samba enredo.

¹⁴ Em termos gerais, a sinopse trata-se de orientações gerais sobre o tema escolhido para o desfile carnavalesco para cada ano específico.

Um detalhamento maior revela que a circulação de compositores entre as agremiações é intensa no período de eliminatórias dos sambas-enredo (setembro a novembro). Isto só não ocorre, em raras exceções, quando o compositor é exclusivo da sua agremiação (exemplo da Vai-Vai e da Camisa Verde). Os compositores que somente concorrem em sua agremiação são chamados de “compositores de ala fechada”. Ainda vale ressaltar que a circulação dos compositores só não é bem vista quando realizada entre as escolas do mesmo grupo (como as do Grupo Especial) ou quando realizada com escolas originadas a partir de torcidas de futebol¹⁵.

Com relação ao público freqüentador, podemos classificá-lo em “os turistas”, aqueles que só buscam diversão e aparecem nos momentos que antecedem o desfile carnavalesco, nem sempre conhecendo as normas internas; e os “do pedaço”, que se conhecem mutuamente e convivem juntos durante o ano todo. Para estes últimos, os eventos que ocorrem na escola durante o ano todo funcionam como oportunidades de lazer e de encontro; onde a quadra atua como o ponto de referência.

No que se refere às normas, observamos a existência de uma organização administrativa, que da mesma forma que nas outras escolas de samba, segue uma hierarquia rigidamente estabelecida e seguida pelos membros integrantes (na maioria pessoas da comunidade). No topo, se encontram o presidente e os diretores, seguidos pelos membros distribuídos nas alas e na bateria. Assim, as contribuições teóricas de Rogério Haesbaert permitem pensar que no interior de uma escola de samba, como a Vai-Vai, existem reterritorializações culturais decorrentes das formas de apropriação que ocorrem no espaço da quadra; nem sempre percebidas pelo pesquisador: o lugar para a diretoria, o lugar para os membros da velha guarda, o lugar para os integrantes da bateria, o lugar para os mais idosos, o lugar para os solteiros, o lugar para conversar, o lugar para tocar e não tocar, o modo de cumprimentar etc.¹⁶

¹⁵ Apesar de fazerem parte do “mundo do samba”, as escolas de samba originadas de times de futebol: Gaviões da Fiel, Mancha Verde, Camisa 12 e Torcida Jovem Santista, apresentam uma lógica de torcida uniformizada e, muitas vezes, reproduzem no desfile os mesmos atos de agressão praticados nas partidas de futebol. Em meio aos variados fatos, destaca-se o ocorrido no carnaval de 2005, quando integrantes da Gaviões da Fiel deram as costas durante o desfile das escolas rivais, além de causarem transtornos no dia da apuração. Por conta destas atitudes, a partir de 2006 passou a vigorar dois títulos no carnaval paulistano. Além do título do Grupo Especial, há agora o título do Grupo Especial das Escolas de Samba Desportivas, vencido pela Mancha Verde em 2007. É interessante assinalar, que em nossa opinião, estas escolas desenvolvem poucas territorialidades. Assim, desterritorializadas, não fazem questão de assumir o discurso de pertencimento a um bairro específico.

¹⁶ O mestrado de Eloiza Neves Silva: *História de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas* analisou o processo de constituição das escolas de samba e do carnaval paulistano a partir do ponto de vista da mulher negra. Nele, as narrativas descrevem em detalhes a participação feminina na organização da população negra tanto no espaço doméstico quanto no desenvolvimento de atividades relativas ao lazer.

Embora a organização interna da escola revele esta hierarquia com relação ao uso e apropriação diferenciada, cada um dos integrantes ressalta a importância de seu trabalho para a escola, além de aparecer presentemente em seus discursos a idéia de trabalho coletivo com fins de vencer o desfile.

Outro fato que nos chamou a atenção foi o respeito existente internamente, sendo banido qualquer ato preconceituoso. Busca-se tratar a todos como iguais, embora não se possa afirmar que todos sigam esta norma. Estas normas de convivência, constitutivas das relações sociais desenvolvidas, transparecem em frases como “aqui dentro todo mundo é respeitado e por isto te respeito” ou “não importa o que a pessoa faz lá fora, aqui dentro ela tem que andar na linha”.

Ao pretender estudar os eventos e atividades realizadas na Vai-Vai entre os meses de novembro a janeiro de 2007, tínhamos também como intenção captar o sentido comunitário dessas atividades, concebendo o samba como produto social. Mas, com o decorrer das visitas, algo novo se vislumbrou: a importância da quadra da escola para a comunidade do Bexiga e arredores. Isto nos permitiu enxergá-la não apenas como mero espaço físico, mas como um objeto geográfico repleto de significações. Nela, são realizadas as reuniões da diretoria, as rodas de samba semanais e os vários eventos que só poderiam acontecer da maneira que acontecem neste ambiente, visto que os encontros e trocas ali existentes provêm de uma sociabilidade derivada da combinação de vários fatores. Conforme o antropólogo José Magnani, a quadra atua como fonte de relações sociais específicas que são o “produto de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais” (MAGNANI, 1998:37).

Em outras palavras, a escola de samba foi observada como o resultado de uma rede de relações sociais desenvolvidas historicamente pela comunidade local, onde o passado e o presente dialogam constantemente com a prática cotidiana da comunidade, promovendo novos vínculos e reafirmando antigos laços sociais. Nesse sentido, a quadra da escola reforça e promove vínculos de interação com o lugar e entre as pessoas, constituindo-se aquilo que Berque (1998) denominou de forma simbólica espacial. Estas contêm representações construídas pelas pessoas e que envolvem o passado, o presente e o futuro. Desta forma, elas são marcas e matrizes presentes na criação e recriação de algumas práticas sócio-espaciais específicas.

A análise acima exposta deverá nos servir como pistas orientadoras para futuras pesquisas de campo. Neste sentido, adotamos uma postura em que foi dado valor à interação pesquisador-pesquisado. A partir desta postura, pudemos articular as informações recolhidas de modo a perceber a interação existente entre as pessoas e o lugar. Sem a existência de um ambiente para o encontro, os vínculos existentes entre os membros da escola de samba não seriam tão estáveis e sólidos. Sem a existência de alguns “arranjos particulares” que somente existem no interior da quadra da escola, esta não passaria de uma construção material. Mais do que isto, ela possui uma “força aglutinadora” de pessoas, sendo um lugar de troca e encontros onde se instauram códigos entendíveis apenas pelos “da casa”, que se conhecem e reconhecem mutuamente. Tanto que em nossas primeiras visitas, fomos estranhados pelos freqüentadores habituais da escola, que se aproximavam e perguntavam quem éramos e o que fazíamos.

A partir das evidências constatadas, passamos a acreditar que a quadra poderia ser classificada como um “pedaço”, na medida em que este é definido por Magnani (2002) como o “espaço intermediário entre o privado – a casa – e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 2002:21). O “pedaço” da Vai-Vai é dependente dos vínculos mantidos e fortalecidos pelos encontros propiciados em diversos momentos do ano. Esse nosso recorte revelou algumas reflexões associadas ao “pedaço”. Dessa forma, configurou-se uma exploração da escola de samba Vai-Vai, sua organização, seus eventos, seus integrantes e algumas das suas normas de funcionamento.

Como já exposto, nem todos os freqüentadores pertencem ao bairro da Bela Vista, por razões que envolvem a localização central da escola e sua referência para o samba paulistano. Além deste fato, um de nossos entrevistados afirmou que:

A Vai-Vai é uma escola de samba universal, aberta, por mais que tenha a vinculação com o Bexiga. Com a construção das avenidas, valorização dos terrenos e remoção dos cortiços, muitos de seus componentes foram para a cidade inteira. (Tiarajú)

Embora uma boa parte dos freqüentadores seja proveniente de outros bairros, buscam um ponto de aglutinação para a construção e fortalecimento de seus laços. Mais do que alguns significados relevantes subjacentes à estrutura da escola de samba Vai-Vai, abriram-se novas possibilidades de estudo que não se faziam presentes, delineando já alguns novos rumos que podem ser tomados como orientadores de procedimentos posteriores.

Com a expansão da cidade, a noção de pertencimento sofreu modificações, visto que boa parte dos integrantes da Escola de Samba Vai-Vai, por exemplo, não mais residem no bairro da Bela Vista. Pelo que temos percebido, isto também ocorre em outras escolas, de maneiras diferentes, pois em alguns bairros as pessoas podem ter se mudado menos e terem um maior “enraizamento”; em outras palavras, estarem mais territorializadas. Em virtude desta nova possibilidade que se vislumbra, torna-se necessária a busca de uma categoria que mostre que a noção de pertencimento extrapola a noção de bairro. Ou seja, que mostre que o pertencimento a uma escola de samba nem sempre está vinculado ao morar naquele bairro, mas insere-se dentro de um “território móvel” no molde do conceito trabalho por Marcelo Lopes Souza (1995). Este conceito pode se mostrar adequado à análise das práticas de circulação associadas ao samba, por sua flexibilidade em ativar ou desativar as ações dos sambistas nas diferentes formas de apropriação territorial. Assim, as práticas sociais ligadas ao samba demonstram ter enorme fluidez e mobilidade, além de serem realizadas sazonalmente por alguns ou de maneira regular por outros.

Referencial Bibliográfico

BERQUE, Augustin. Paisagem marca, paisagem matriz. Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. pg. 84–91.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na Geografia. In: **Mercator – Revista de Geografia da Universidade Federal do Ceará**, ano 01, número 01, 2002, p. 19-28.

CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny . (orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.167 – 186.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 2ª ed. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, nº 49, São Paulo, 2002. p 24 - 38

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Lá vem o meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

SILVA, Eloiza Maria Neves. **História de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas**. Dissertação Mestrado. São Paulo, 2002, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SILVA, Vagner Gonçalves; BAPTISTA, Raquel Rua; AZEVEDO, Clara; BUENO, Arthur. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.) **Artes do corpo – Memória Afro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2004. p. 123 – 187.

SIMSON, Olga Von. **Branco e negro no carnaval popular paulistano (1914-1918)**. São Paulo, 245f Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77 – 116.

VIANA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.